

O APRENDIZADO DA LEITURA DE IMAGENS NO LIVRO DE LITERATURA INFANTIL: REFLEXÕES COM BASE NA OBRA "NOITE DE CÃO"

Fabíola Cordeiro de Vasconcelos
Universidade Federal de Campina Grande

Introdução

Vivemos num mundo repleto de imagens e, muitas vezes, não as vemos de fato. Por isso, ressalta-se cada vez mais a importância da educação do olhar, isto é, a necessidade de preparação dos sujeitos para ler e atribuir significado ao universo icônico que os circunda. Nessa perspectiva, defende-se a alfabetização visual, processo que possibilita, a partir do contato significativo com os objetos visuais, aprender a olhá-los criteriosamente, dialogando com eles e lhes conferindo sentido.

Nesse processo, ganha destaque a relevância de, desde cedo, proporcionar-se às crianças o convívio significativo com as imagens, o que pode ser feito através das ilustrações dos livros infantis. Na literatura dirigida às crianças, a imagem é linguagem imprescindível à manifestação do sentido textual e, ao oferecer ricas experiências de cor, forma, perspectivas e significados, contribui para desenvolver no pequeno leitor a capacidade de observação e análise, à medida que o desafia a examinar os detalhes e a construir inferências a partir deles.

Entretanto, favorecer essa leitura e explorá-la para fomentar as capacidades leitoras dos pequenos demanda dos mediadores, além da compreensão da necessidade de ler as imagens, competências para examiná-las efetivamente e, em decorrência, para auxiliar os pequenos a fazê-lo, o que requisita formação e análise crítica das experiências visuais.

Considerando que a leitura das imagens dos livros infantis mostra-se produtiva para assegurar aos pequenos, além de uma multiplicidade de experiências estéticas, um vocabulário visual que os ajudará a continuar lendo imagens com competência, apresentamos neste trabalho uma reflexão sobre a relevância do aprendizado da leitura de imagens para a formação de leitores iniciantes, com base na leitura da obra "Noite de cão", de Graça Lima.

Para cumprir tal intento, iniciamos tratando da importância das ilustrações nos livros literários infantis, destacando o papel preponderante que vêm assumindo nesse gênero. Na sequência, abordamos a necessidade do aprendizado da leitura das imagens no processo de formação leitora das crianças, destacando o alfabetismo visual como requisito fundamental à preparação de sujeitos capazes de interpretar o universo imagético que os cerca.

Posteriormente, tratamos dos livros de imagens e de suas peculiaridades. Em seguida, apresentamos a narrativa visual "Noite de cão", enfatizando as características mais gerais de suas ilustrações e do projeto gráfico da obra, tomando-a como referência para refletir sobre as possibilidades de ensinar os pequenos a interpretar as ilustrações e, em consequência, a se tornarem leitores mais competentes e críticos das imagens e do mundo.

Literatura infantil e ilustração

Perdurou, ao longo de muito tempo, a ideia de que, nos livros de literatura infantil, a ilustração servia somente para embelezar o texto, não exercendo nenhum papel na sua leitura. Hoje, no entanto, ela é encarada diferentemente e compreendida como elemento relevante à compreensão textual, interferindo "no desenvolvimento cognitivo, cultural, artístico e da sensibilidade e interioridade dos leitores" (ALENCAR, 2009, p. 27).

Entre muitos, contudo, ainda permanece a opinião de que as ilustrações nos livros infantis são apenas um recurso para "arejar" o texto ou atrair os pequenos. Sem dúvida, desempenham tais funções, mas seu papel é mais amplo e significativo, pois podem desenvolver a imaginação do leitor, oferecendo-lhe novas possibilidades de leitura, novas impressões, interrogações e sensações. Portanto, não cabe mais encará-las como secundárias e se faz urgente considerar seu papel protagonista nos livros destinados às crianças.

Levar em conta a importância das ilustrações para a literatura infantil exige compreender, com base no destacado por Lima (2008, p. 37), que elas se situam dentro de um todo, o design gráfico do livro infantil, o qual envolve um conjunto de elementos gráficos que, organizados de maneira harmônica, exercem influência no modo como a narrativa será recebida pelos leitores e contribuem para a formação do olhar estético dos mesmos.

Entretanto, além da percepção estética, a imagem confere ao leitor o apoio, a pausa e o devaneio tão importantes numa leitura criadora. Sua relevância, então, decorre também do fato de criar a atmosfera do texto, desse modo incentivando o potencial imaginário de quem lê (WERNECK, 1998). No caso específico dos livros só com imagens, estas desempenham um papel ainda mais fundamental, pois precisam narrar com competência, sem o apoio das palavras, e com isso abrem uma margem ainda maior para que a imaginação do leitor flua.

Nessa perspectiva, Faria (2004) chama a atenção para a relevância do trabalho do ilustrador de livros para crianças, destacando que sua tarefa não é fácil devido ao fato de desenhar para um público com poucas experiências na realidade plástica e com estruturas mentais particulares. Daí por que precisa ter, além de competência artística, sensibilidade para

conseguir se fazer entender até por crianças muito pequenas. Coelho (2003) reforça essa ideia sobre a competência do ilustrador dizendo que "Quando elaborada com arte e inteligência [...], a imagem aprofunda o poder mágico da palavra literária e facilita ao pequeno leitor convívio com os diferentes universos que os livros lhe desvendam" (p. 320-321).

Há, pois, na literatura infantil, uma ligação muito próxima entre a imagem. e a leitura. O ilustrador, nessa relação, desempenha um papel significativo, auxiliando os pequenos a se apropriarem do literário e das possibilidades abertas por ele. Da importância de aprender a ler as imagens para tornar-se um melhor leitor dos livros e do mundo trataremos a seguir.

Leitura de imagens e formação de leitores

Em nossa realidade, o aprendizado das palavras é tomado como atestado da alfabetização. Oliveira (1998), no entanto, considera que seria mais conveniente se a iniciação à leitura das imagens antecederesse a alfabetização convencional, o que, segundo ele, contribuiria para formar cidadãos mais capazes de criticar e participar efetivamente do universo icônico que os rodeia, especialmente se considerarmos que a época atual é marcada pela "massificação mercantilista e ideológica da imagem" (p. 67).

Nessa perspectiva, apresenta-se como imprescindível a alfabetização visual dos pequenos, processo pelo qual se forma e se educa o seu olhar para apreciar de modo crítico e reflexivo as imagens, capacidade esta destacada por Fonseca (2009), ao salientar que "lidar com imagens, lê-las com competência, perceber seus recursos e nuança faz parte do processo de apreensão, leitura e compreensão do mundo e de nossa própria existência" (p. 95).

Em conformidade com essa visão, Alencar (2008) salienta que quem tem bons estímulos visuais desenvolve a sensibilidade, aguça o gosto estético, experiencia emoções diversas suscitadas pelas imagens, bem como alimenta a alma (p. 29), aspectos que se mostram imprescindíveis num contexto "como o nosso, saturado de visualidade desconexa (devido à sobrecarga de imagens que nos atingem continuamente)" (COELHO, 2003, p. 321). Desse modo, sujeitos sensíveis e capazes de apreciar a beleza e de se emocionar com ela são formados através de experiências significativas com bons estímulos visuais. Tais estímulos precisam se sobressair nessa profusão de imagens sem conexão, com a qual convivemos cotidianamente, cabendo aos mediadores selecioná-los para promover a formação de novos sujeitos como apreciadores da imagem e da beleza.

Assim, diante do propósito de formar leitores competentes, prepará-los para interpretar imagens se faz extremamente necessário, especialmente num mundo em que proliferam as

linguagens e em que as linguagens visuais tomam cada vez maior relevância. Por isso, quanto mais cedo múltiplas experiências visuais significativas forem proporcionadas aos sujeitos e for dada a eles a oportunidade de refleti-las e apreciá-las, mais efetiva será sua formação leitora. Considerando isto, Alencar (2008) defende que, por não bastar um olhar desatento para compreender efetivamente as imagens, é preciso educar o olhar para vê-las e lê-las bem.

Segundo Werneck (1998), no processo de aquisição da linguagem, a criança é sensível à imagem antes mesmo de conseguir se exprimir por palavras, ideia compartilhada por Lima (2008, p. 41) ao ressaltar que "para a criança, a palavra só passa a ter importância primordial após sua alfabetização, pois muito antes disso ela já é capaz de transpor o mundo real para o mundo de signos visuais e ler o significado de imagens". Entretanto, essa capacidade de ler imagens não lhe é inata, o que demanda a participação de mediadores que lhe ensinem a atribuir sentido à visualidade que a circunda.

No caso da leitura do livro infantil ilustrado, objeto físico e sensorial a ser contemplado esteticamente, a participação desses mediadores é crucial. Como, nele, a imagem assume papel de destaque, sua leitura exige mais atenção dos leitores, em especial dos professores, por serem os principais intermediários entre um grande número de crianças e os livros. Por isso, Ramos (2011, p. 30) destaca que é cada vez mais importante que aqueles que lidam com livros destinados à infância se aproximem mais do universo das imagens, pensamento corroborado por Oliveira (1998) ao defender ser necessário que os profissionais que trabalham com o livro nas escolas, bibliotecas e editoras sejam visualmente alfabetizados.

Assim, reconhecendo a importância das imagens e a necessidade de explorá-las junto às crianças, tais mediadores poderão ajudá-las a serem melhores leitoras, afinal, destacar a expressividade de um traçado, o jogo de cores, o contraste luz e sombra, os ângulos escolhidos, entre outros aspectos, permite ao leitor adentrar o texto com mais profundidade, aprimorando, dessa forma, suas possibilidades como leitor (FONSECA, 2009, p. 100-101).

A leitura das ilustrações nos livros infantis, assim, é importante porque ajuda os leitores a desenvolver outras tantas formas de leitura, das quais necessitarão em seu presente e futuro. Por isso, cabe aos mediadores de leitura estimular e aprofundar essa leitura, o que pode ser feito por intermédio dos livros de imagens, dos quais passaremos a falar.

Os livros de imagens: é preciso aprender a lê-los!

Os livros de imagens são aqueles que não contêm enunciados verbais e que apresentam as narrativas apenas através de imagens visuais. Compreendem, como definido

por Ramos (2011), a forma dos livros que dispensam palavras (p. 108).

Sobre eles, Faria (2004) ressalta que o termo "livro de imagem" foi sugerido por Ricardo Azevedo para nomear os livros com histórias contadas por meio de imagens e sem texto verbal. Constituem uma forma específica dentro do universo da literatura infantil, riquíssima em possibilidades, embora ainda pouco explorada. Nesses livros, para contar a história, o autor recorre a elementos da pintura e do cinema, mas tem limitações significativas em seu trabalho, pois não pode contar com a palavra para descrever e representar as ações.

A imagem, em virtude disso, precisa ser muito competente para dar conta de narrar a história e, como apontado por Faria (2004), deve contemplar elementos de hipersignificação estáticos e dinâmicos. Os elementos estáticos se relacionam à descrição e sugerem o(s) espaço(s) onde ocorrem as ações e as características dos personagens. Já os dinâmicos dizem respeito ao encadeamento dos fatos e precisam denotar claramente as ações, os gestos e as expressões dos personagens, marcando o ritmo da ação e a progressão da narrativa.

Devido à peculiaridade de contarem histórias só com imagens, diferentemente do que muitos imaginam, os livros de imagens não são mais simples de ler do que os que contêm texto escrito. Pelo contrário, exigem capacidades específicas do leitor, capacidades estas que precisam ser ensinadas e destacadas desde cedo, antes mesmo de os pequenos leitores terem domínio do código escrito.

Como destacado por Vale (2001), a leitura desse tipo de texto desenvolve a percepção visual da criança e estimula a sua imaginação, conseqüentemente contribuindo para o desenvolvimento infantil. Em obras assim, com base em sua experiência de vida e em sua capacidade de fantasiar e imaginar, o leitor iniciante constrói episódios ou relatos a partir das pistas fornecidas pelas ilustrações. Para percebê-las, entretanto, deve ser ensinado a fazê-lo.

Nessa perspectiva, Bajard (2007) pontua a relevância das interações verbais durante a leitura das narrativas visuais, destacando que a sua interpretação pelos colegas ou pelo mediador facilita o domínio da linguagem das imagens pela criança (p. 70).

Dada a sua configuração, os livros de imagens, conforme Ramos (2011, p. 109), convidam a uma forma de coautoria, pois neles a participação do leitor na elaboração da narrativa é mais fundamental do que em qualquer outro tipo de livro. Na visão da autora, o autor-ilustrador produz as imagens e o leitor toma posse delas, contando a história com base nas sugestões que fornecem, realizando um exercício dos mais elaborados. Para que esse processo ocorra satisfatoriamente, a sequência de imagens precisa ser bem conduzida de forma a favorecer o diálogo entre o autor e o leitor.

Nessas obras, dada a supressão das palavras, podemos dizer que existe um texto

virtual subjacente às imagens. Desse modo, estas carregam explicitamente um texto, uma narrativa, uma mensagem, uma ideia que estava na mente de seu criador ao concebê-las. Em virtude disso, é papel do leitor "recuperar" essa ideia com base no que as imagens apresentam. A esse respeito, Elias José (apud ALENCAR, 2008) diz que o leitor que busca esses textos implícitos nas imagens tem uma boa ajuda para compreender as narrativas visuais.

A narrativa por imagens "Noite de cão" apresenta um texto implícito muito rico que as imagens permitem desvendar. Sobre ela, discorreremos a partir de agora.

A narrativa visual "Noite de cão"

O livro "Noite de cão", de autoria de Graça Lima, é uma narrativa visual publicada pela Editora Paulinas e faz parte da *Coleção Que história é essa?*. Com trinta e cinco páginas, narra as peripécias de um cachorro que, apaixonado pela lua, ao longo de uma noite busca, de diferentes formas, aproximar-se dela.

A autora esclarece, em texto curto ao final do livro, que resolveu brincar com a expressão "noite de cão", comumente utilizada para se fazer referência a uma noite ruim, cheia de problemas e cansativa. Assim, produziu a obra imaginando como seria, para o animal, uma noite assim. Esse objetivo já é, de algum modo, apontado na capa do livro, a qual traz, além do título e do nome da autora, a imagem de um cão num cenário noturno. Entretanto, cabe destacar que o fato do animal ser simpático e estar sorrindo e abanando o rabo quebra, de algum modo, as expectativas do leitor que conhece o sentido negativo da expressão "noite de cão", o que, ao nosso ver, gera interesse pelo conhecimento da história, uma vez que aparentemente há "contradição" entre o título, que parece dizer que se falará de uma noite ruim, e a imagem que ressalta um personagem feliz e satisfeito.

As ilustrações são simples, sem detalhes em excesso e, ao mesmo tempo, ricas em significados. Na maior parte das vezes, ocupam páginas duplas e, em alguns casos, várias cenas separadas dividem o espaço delas. Predominam as cores frias (preto, azul e cinza), que servem para denotar o turno em que as ações se passam, a noite, além de expressar sentimentos calmos e algo mais plácido (RAMOS, 2011, p. 147). Além dessas cores, destaca-se o branco que emoldura as páginas e caracteriza os corpos dos personagens lua e cão.

Faria (2004) salienta que nos livros infantis as imagens se apresentam enquadradas, isto é, delimitadas por linhas, molduras variadas, por um fundo colorido ou pela borda da página (p. 43). No livro em questão, a moldura está presente na maioria das páginas, é bem larga e contrasta com o fundo preto ou azul escuro das cenas que destaca. Em todas elas,

detalhes da ilustração ultrapassam os limites do enquadramento e ocupam o espaço das margens. Nas páginas em que ela não aparece bem demarcada, vê-se um fundo branco sobre o qual as cenas são colocadas.

Nas ilustrações, também se constata a presença de recursos típicos dos quadrinhos, os quais ajudam a narrar na impossibilidade de recorrência ao texto escrito. Este é o caso, por exemplo, das expressões faciais e corporais dos personagens, dos riscos que indicam movimentos, dos sinais gráficos que demonstram tontura e fúria, além das onomatopeias.

Ramos (2011, p. 146) esclarece que nos livros-imagem, apenas a ilustração determina a leitura, estando o texto verbal ausente. Essa peculiaridade exige do leitor a capacidade de, a partir das imagens, atribuir sentido ao narrado, "reconstruindo-o". Na obra em questão, essa característica é evidente, pois o leitor é convidado a contar a história com base nas competentes imagens e sequências, processo no qual pode ser auxiliado por um leitor mais experiente que destaque, quando considerar necessário, os detalhes das imagens e sua relevância na construção da narrativa.

Aprender a ler imagens: reflexões com base na obra "Noite de cão"

A leitura da narrativa "Noite de cão" para pequenos leitores requer ajudá-los a prestar atenção aos detalhes das imagens e a aspectos destas que possibilitam a construção de inferências, antecipações e conclusões imprescindíveis à compreensão do texto. Nessa leitura, necessário se faz auxiliar as crianças a entender as características das ilustrações e os porquês das escolhas da ilustradora para indicar determinados aspectos através do uso das cores, dos tamanhos, dos traços, da distribuição das imagens nas páginas, da representação dos movimentos e expressões dos personagens etc.

Com vistas a exemplificar como esse processo pode acontecer, a partir de agora apresentaremos a distribuição da narrativa ao longo das páginas¹ do livro, focalizando os aspectos das imagens destas que podem ser destacados pelo mediador para auxiliar as crianças a melhor compreenderem a história lida.

Começemos pelas páginas 1 e 2, nas quais há uma larga moldura branca ao redor de um retângulo negro, à direita do qual, no canto inferior e em primeiro plano, vê-se um cão dormindo. O uso do preto pode ser apontado como pertinente à representação da noite. Segundo Oliveira (1998, p. 74), a expressão do tempo proporcionada pelo uso das cores é de

1 Nessa análise, consideraremos as trinta páginas do livro que contêm ilustrações. Como nele não há numeração, atribuímos à primeira página ilustrada o número 1 e contamos as demais a partir dela.

grande significado e, na ilustração da literatura infantil, muito auxilia os pequenos leitores no entendimento do lido. Pode-se destacar também o sono do animal numa noite tranquila, o que a imagem denota pela expressão sossegada do cão e por sua postura corporal relaxada.

Na página dupla seguinte, percebem-se mudanças em relação à cena inicial, pois no cenário aparece, à esquerda, uma branca lua cheia e a cor predominante no fundo da cena, antes o preto, muda para o azul escuro. Cabe chamar a atenção dos pequenos leitores para a relação entre essa mudança e o fato do céu estar mais claro em virtude da luz da lua cheia. Além disso, agora o personagem está de pé, acordado, e, olhando para a lua, esboça um sorriso e abana o rabo com contentamento. Na imagem, esta ideia de movimento é realizada como nas histórias em quadrinhos, com o uso de recursos expressivos gráficos, nesse caso as linhas paralelas ao rabo do cachorro, indicando movimento para cima e para baixo. Sendo auxiliado a observar tais elementos da imagem, o leitor é ajudado a compreender o que está implícito: que o cão acordou quando a lua iluminou o céu com o seu clarão e que ficou contente ao vê-la tão linda e imponente no céu. Nesse sentido, Faria (2004, p. 81) destaca que a leitura de uma imagem ultrapassa a simples apreensão denotativa do que está representado, pois muito é apenas sugerido, devendo ser inferido por quem lê.

Em seguida, na quinta página, a cena mostra o cachorro olhando para o alto, em direção à lua. Tem uma pata colocada ao lado da boca bem aberta, aparentando estar falando alto, e o dedo indicador da outra pata apontado para o chão, o que demonstra estar chamando a lua para descer e vir até onde ele está. Tais informações não são claramente explicitadas no texto, mas deduzíveis pelo leitor a partir das dicas fornecidas pela ilustradora e da sequência narrada, além das intervenções que podem e devem ser feitas pelo mediador da leitura.

Em relação a essa imagem, destacamos o artifício usado pela autora para representar a distância entre o animal e a lua. Para isso, abre na cena uma espécie de janela, retângulo dentro do qual se pode visualizar, como numa espécie de *zoom*, a parte lateral de uma montanha, elemento novo no cenário, e, logo acima dela, a branca lua cheia. Embora seja impossível representar essa distância no todo da página, tal estratégia possibilita ao leitor entender que a lua está muito longe do cão, dado necessário ao entendimento da narrativa.

Na página subsequente, a cena complementa a anterior, uma vez que apresenta o cão sentado e com as duas patas sob o queixo, com expressão de desconsolo, permitindo deduzir que ficou assim porque não alcançou o seu intuito, já que a lua continua no mesmo lugar de antes. Segundo Faria (2004), há muitos detalhes da história, entre uma cena e outra, que não são apresentados e devem ser imaginados pelo leitor. Devido a isso, a ordem das sequências e dos cortes deve ser organizada cuidadosamente. Ainda sobre a cena em questão, nela a

montanha é apresentada por completo, em ângulo frontal. Durante a leitura, cabe chamar a atenção para o uso da cor branca em suas extremidades, recurso usado para denotar os reflexos da luz lunar nessa superfície.

Nas páginas 7 e 8, a imagem é apresentada bem próxima ao leitor. Em primeiro plano, à direita, aparece parte da montanha, de onde pedras são arrancadas e caem. Na parte superior da página, vê-se a metade inferior do corpo do cão subindo a montanha, o que provoca o deslizamento dos pedregulhos, demonstrado pelos riscos descendentes e pelas marcas circulares e quase transparentes que indicam poeira. Discutir com os novos leitores a presença desses elementos na ilustração e a função que exercem nela também os ajuda a inferir que o cão sobe a montanha para se aproximar da lua, por quem está encantado.

Essa dedução se confirma nas duas próximas páginas do livro, compostas por cinco cenas distintas e sequenciadas da esquerda à direita, três delas inseridas em pequenos quadros retangulares delimitados no fundo branco da página, sendo as duas primeiras em quadros pequenos localizados na sua parte inferior esquerda e a quarta, em um quadro de tamanho um pouco maior, situado no centro superior dela. A leitura das imagens dessas páginas precisa ser bem explorada e mediada, para auxiliar os pequenos a compreender o que narram, uma vez que há nelas muitos acontecimentos ordenados, o que exemplifica a ideia de Faria (2004) ao ressaltar que em narrativas como essa, a linguagem é caracterizada pela articulação entre as imagens. Vejamos cada uma das cenas em particular.

No primeiro quadro, observa-se a montanha quase inteira e, em destaque, à esquerda, a lua cheia que a ilumina, deixando o seu lado esquerdo com cor mais clara em virtude disso. Nessa imagem, que dá sequência à anterior, o cão está quase alcançando o topo da montanha.

No segundo quadro, já de pé sobre o cume da montanha, o cachorro, também iluminado pelo clarão da lua e bem próximo a ela, tenta, sobre um dos pés apenas, equilibrar-se para alcançá-la, uma vez que tem uma das patas levantada em sua direção. Cabe destacar que, nesses dois quadros, o tamanho aumentado da lua em relação à montanha serve para denotar que o animal se aproximou do astro.

Já na imagem subsequente, maior do que as duas primeiras, o cão, na ponta do pé, é mostrado mais próximo, como se fosse dado um *zoom* da parte superior da imagem precedente. Nessa cena, ele está bem inclinado para a esquerda e segura um pequeno bastão com o qual "cutuca" a lua, parecendo querer chamar a sua atenção. Cabe observar que o fato da superfície do astro estar mais abaixada no ponto onde o bastão a alcança indica a pressão do animal sobre ele, cabendo ao mediador da leitura alertar os pequenos leitores para isso.

A quarta cena amplia novamente o plano de visão da cena, que passa a ser global,

mostrando o todo da montanha e da lua sobre ela. Nessa imagem, próximo ao cume, vê-se o cão "solto" no espaço, com os membros estendidos, sinais que parecem indicar a sua queda.

Por fim, na última cena da sequência, a ideia da queda se confirma. Ocupando o centro da página, vê-se a imagem do cão em movimento descendente, o que é demonstrado pelos riscos verticais, pela posição do animal (corpo "jogado", orelha sobre os olhos e um dos braços estendido para cima) e pelos pedregulhos localizados abaixo dele, que também caem.

Graça Lima, nessa narrativa por imagens, apresenta competidamente as sequências do texto, organizando-as com muita pertinência, o que favorece a leitura compreensiva do texto. A esse respeito, Werneck (1998, p. 103) salienta que "A sequência de imagens interrelacionadas facilita o encadeamento, a organização do raciocínio, da orientação, da lateralização e da especialização do leitor". Assim, é possível destacar essa característica do livro como elemento extremamente positivo, uma vez que capaz de encaminhar o pensamento do leitor para a direção pretendida pela autora.

A narrativa tem continuidade na página 11, na qual a imagem enfatiza o chão onde há um buraco dentro do qual o cão se encontra. Pistas da ilustração, como os olhos do animal fechados e sua boca expressando esforço indicam que tenta sair desse local, o que é reforçado pela posição das patas amparadas sobre as margens do buraco. Além disso, linhas azuladas na superfície verde do chão representam rachaduras que demonstram o impacto da queda do cachorro e pequenos círculos azuis sobre a sua cabeça demonstram a dor e a tontura que parece sentir. Também é preciso destacar que o uso da cor marrom na parte mais interna do buraco serve para dar a ideia de profundidade. A percepção desses elementos da imagem é necessária para que o leitor compreenda o implícito de que o impacto da queda foi tão forte que abriu um buraco no chão e entonteceu o cãozinho.

Na página seguinte, uma sombra no lado direito da lua indica que ela entra na fase minguante. Na parte inferior da imagem, o cão tem expressão de raiva, o que se constata pela sobrancelha arqueada e pela boca "cerrada". Tem o olhar fixo na direita e os inúmeros tracinhos sobre sua cabeça demonstram estar furioso. O leitor é levado a inferir que está descontente por não ter, novamente, alcançado o seu intuito. Carrega uma escada que faz sombra no chão, o que é percebido pelo traço escuro sob toda a extensão do objeto. O animal se dirige rapidamente para a direita, aspecto denotado por sua postura corporal e pela ponta da orelha voltada à esquerda. Aqui, o leitor pode antecipar que, em seguida, o cão fará mais uma tentativa de se aproximar da lua, usando a escada para isso, compreensão motivada pelo fato de, nessa cena, não se ver o final da escada, que parece "passar" para a página seguinte.

Segundo Faria (2004), os indícios da imagem demonstrando a passagem do tempo e as

mudanças no espaço, além do gestual dos personagens e tudo o que indica ação e movimento, são extremamente importantes à compreensão da narrativa, sendo preciso ensinar as crianças a percebê-los.

Na sequência, a previsão de que o cão buscará chegar perto da lua de novo se confirma. Nas duas páginas posteriores, há três cenas localizadas em colunas que ocupam toda a sua extensão vertical. Na primeira dessas colunas, sobre um fundo preto indicativo do céu noturno, vê-se a lua minguante sobre a qual está encostada uma comprida escada azul que o cachorro, mostrado de costas, começa a subir, o que é apontado pela perna direita que está posta um degrau acima da esquerda. Na segunda coluna, que traz essa primeira imagem mais aproximada, vê-se o cão bem mais perto da lua, mas ainda subindo os degraus, o que é demonstrado pela perna esquerda que está posta um degrau acima da direita e pelas patas superiores que seguram um degrau colocado um pouco mais acima. A terceira cena da sequência, diferentemente das primeiras, ocupa a quase totalidade da segunda página e mostra o cão e a lua bem próximos. Nela, novamente, o cachorro segura um bastão, desta feita com a mão esquerda, e com ele faz pressão sobre a superfície da lua. Aqui, é possível perceber na imagem que, saindo do lugar pressionado, há linhas indicativas da força que o animal faz. Além disso, que no encontro dessas linhas, no lugar onde o bastão toca a lua, há um pequeno círculo escuro que parece indicar um furo.

Já na página dupla seguinte, uma imagem traz em destaque a lua à esquerda, da qual sai a onomatopeia "*BUUUMMMMMMM*", que vai até a outra extremidade da página direita e é acompanhada por manchas circulares esbranquiçadas que indicam poeira. Há, ainda, traços que saem da lua, expandindo-se pelo espaço. Cores nas letras da onomatopeia, que vão do laranja nas letras próximas à lua ao lilás nas letras mais distantes dela, reforçam a ideia de explosão. As cores mais quentes se situam mais próximas ao cerne do estouro, indicando temperatura alta, enquanto as mais frias vão acontecendo à medida que as letras se distanciam desse centro. A própria lua, até então branca, assume coloração amarelada e o céu volta à cor azul escura. A ideia de que algo explodiu também é reforçada pelo fato de traços e manchas indicativas de poeira extrapolarem a delimitação da cena, ocupando a moldura. Além disso, a cena mostra o cão sendo arremessado para longe da lua, o que é mostrado na imagem pelo fato de ter os olhos fechados, as orelhas levantadas, os membros superiores jogados para cima, a boca trêmula e o corpo impulsionado para a frente. Tais características da imagem, que tanto auxiliam o leitor a compreender o narrado, precisam ser apontadas pelo mediador da leitura, auxiliando os leitores iniciantes a ler com competência a narrativa visual.

A importância da mediação no decorrer da leitura, chamando-se a atenção do pequeno

leitor para os detalhes das imagens, é destacada por Faria (2004). Segundo ela, um trabalho cuidadoso no sentido de apontar tais detalhes ou de auxiliar a criança a descobrir os elementos técnicos das imagens que fazem progredir a ação ou que explicam aspectos como espaço, tempo e características das personagens, aprofundará a leitura e, ao mesmo tempo, desenvolverá no leitor as capacidades de observar, analisar, comparar, classificar, levantar hipóteses, sintetizar e raciocinar (p. 59).

A página dupla posterior contém cinco imagens do cão situadas sobre um fundo preto. Nas quatro primeiras, ele parece procurar algo, o que é denotado por sua postura corporal. No canto inferior esquerdo, parece ter levantado a ponta da página e fareja o fundo preto que aparece sob ela. No canto esquerdo superior, olha para cima. No centro, olha para trás. Na página direita, ao centro, abaixado e de costas, fareja o chão. Por fim, abaixo e à direita, é mostrado de frente, cabisbaixo, com olhos entristecidos e orelhas caídas, o que permite inferir que procura pela lua, mas não a encontrando, mostra-se triste. Lágrimas caem de seus olhos e alguns pingos começam a empoçar o chão. Na leitura desse ponto da narrativa, é importante que o mediador ajude os pequenos leitores a relacionar a tristeza do cão ao fato do desaparecimento da lua depois da suposta explosão.

Prosseguindo, há mais uma página dupla contendo duas cenas. Na da esquerda, o cão tem a boca aberta, os olhos fechados e as patas superiores colocadas ao lado da cabeça, denotando estar muito triste. Lágrimas jorram efusivamente de seus olhos e caem no chão, escorrendo e se acumulando até formar, na página da direita, um lago. Nessa página, o cão, com postura corporal decaída, olha entristecido para a lua que, molhada e murcha, afunda no lago. Traços curvos azuis sobre a imagem do círculo branco dentro do líquido denotam o início da submersão do astro após ter caído na Terra.

A narrativa continua nas páginas 21 e 22, que contêm quatro cenas sequenciadas. Na primeira, o cão puxa com a boca a lua murcha de dentro do lago de lágrimas, o que se constata por sua postura corporal abaixada e por dicas da imagem, a exemplo dos círculos na superfície revolvida do lago, das gotas escorrendo e dos riscos na vertical, indicando o movimento do cão ao puxar a lua para cima. Na segunda cena, ele tem os olhos fechados e a boca colocada sobre uma bola branca meio murcha, parecendo inflá-la. Há gotas escorrendo da bola e água concentrada debaixo dela. Cabe ao mediador da leitura levar os pequenos à associação entre essa bola e a lua que explodiu e caiu na Terra. Na terceira cena, vê-se o cão dirigindo-se determinado à direita, pois suas orelhas estão jogadas para a esquerda, seu corpo está voltado à direita e seus olhos, fixos na lua da cena subsequente. Leva uma corda e artigos de primeiros socorros, o que permite antecipar que irá socorrer a lua ferida e danificada. Essa

hipótese é confirmada na última cena, quando aparecem a maleta de primeiros socorros aberta e uma parte da lua, já novamente cheia, da qual ainda escorrem algumas gotas.

Segundo Faria (2004), nas narrativas por imagens, a história se constrói de imagem em imagem e entre elas há um “espaço em branco” a ser preenchido pelo leitor. Por isso, o autor deve ser preciso nos elos de encadeamento, de modo que cada quadro tenha traços visíveis de sua ligação com o anterior e elementos que encaminhem a narrativa para o quadro seguinte.

Mais uma página dupla vem na sequência. Nela, uma cena em que a lua cheia está colocada sobre o chão e amarrada por uma corda presa a um toco. Pela primeira vez, tem características humanas, apresentando olhos e boca e se mostrando triste (boca arqueada para baixo). Está ferida, pois tem um curativo à sua esquerda. Deitado sobre uma parte da corda e encostado na lua, o cão olha para ela desconfiado, o que se constata pelo olhar desconfiado e pelos dentes à mostra, mas sem sorrir, caracterizando um "sorriso amarelo". Cabe destacar, na leitura, o fato do cão estar deitado sobre a corda, impedindo que ela se estenda e a lua suba ao céu, afastando-se dele, dado que é importante na compreensão do narrado.

Uma imagem ocupa as duas páginas seguintes, na qual se vê a lua no centro da cena, ainda amarrada e triste, localizada sobre fundo preto, não se deixando influenciar pelas tentativas do cão em animá-la, ao dançar, fazer gracinhas e oferecer-lhe flores. No canto direito da segunda página, o cão a observa atentamente, o que a imagem deixa claro pela posição em pé, pela pata direita colocada sobre os olhos fixos e atentos e pela pata esquerda voltada para trás e colocada sobre a cintura. Tais sinais indicam que busca entender por que ela não se animou com suas tentativas e o que deve fazer para contentá-la.

Na sequência, em outra página dupla, há uma cena em que o cão toma impulso para empurrar a lua, ainda amarrada à corda, para que ela volte ao céu. A feição do astro se anima um pouco. A posição do corpo do animal indica impulsão e riscos abaixo dos seus pés demonstram movimento de corrida. Sua pata encostada à lua indica "chute". Na página direita, veem-se duas outras imagens da lua mais distante no céu, o que é indicado pelo fato de, na segunda dessas imagens, o tamanho do astro ser menor do que nas primeiras e a corda ser mostrada como um risco tênue e quase imperceptível. Nesse ponto, necessário se faz ajudar os leitores iniciantes a compreender que não aparecem mais duas luas na história, mas que se trata da representação da sequência do movimento da lua distanciando-se no céu.

Na penúltima imagem da obra, sobre um fundo negro, o cão, no centro inferior da página, puxa a corda presa à lua, que agora já está no alto do céu. Riscos paralelos ao lado da corda e o fato de estar tesa em quase toda a sua extensão, indicam o movimento do cão esticando-a e tentando manter-se ligado a ela. Próximo ao local onde a corda se prende à lua,

vê-se a onomatopeia "CLIC" circulado por uma série de tracinhos que indicam rompimento.

Por fim, na última cena, sobre o mesmo fundo negro, a lua, finalmente desprendida da amarra, permanece no alto do céu e, na parte inferior da página, o cão ainda segura a corda, cuja ponta superior está cercada por traços laterais que indicam queda, movimento descendente. Com a boca muito aberta e a cabeça voltada para cima, o animal solta um uivo entristecido denotado pela onomatopeia "AUUUUUUUU", que se direciona à lua e cujas letras vão diminuindo à medida em que "sobem" rumo ao astro. Novamente, a ilustradora usa o recurso de usar cores distintas no conjunto das letras da onomatopeia, recorrendo a uma cor mais forte para marcar as letras próximas ao cão (rosa), a qual vai clareando até se transformar em amarelo claro e branco ao se aproximar da lua.

Nessa imagem, a expressão desesperada do cachorro uivando para a lua denota claramente a sua tristeza por perdê-la, o que contribui para que o pequeno leitor conclua que o animal passou, de fato, uma "noite de cão", já que não conseguiu alcançar o propósito pelo qual batalhou durante toda a narrativa.

A narrativa por imagens "Noite de cão", desde que lida e explorada adequadamente, é fértil em possibilidades de incremento das capacidades leitoras das crianças. Se compreender obras como ela demanda competências específicas na leitura de imagens, é relevante que muitas possibilidades de leitura de obras assim lhes sejam oferecidas, para que, como aponta Faria (2004, p. 59), possam ir entendendo como se fazem e se leem essas histórias.

Considerações finais

Ler imagens com competência é uma habilidade cada vez mais necessária no contexto atual, em que vivemos cercados por múltiplos estímulos visuais. Por isso, é importante que, desde cedo, as crianças sejam auxiliadas a ler as imagens, atribuindo-lhes sentido, capacidade que lhes será útil e necessária por toda a vida e que pode ser fomentada pela leitura das imagens nos livros literários infantis.

Nesse processo, vale destacar a importância das narrativas por imagens, as quais requerem do leitor competências específicas para serem lidas. Nesse sentido, destaca-se a relevância dos mediadores de leitura, responsáveis por auxiliar os pequenos leitores a se apropriarem das peculiaridades das imagens e, em consequência, a construírem o texto verbal a partir delas. Desse modo, considerando-se que as imagens são cada vez mais abundantes no universo literário infantil, aprender a lê-las é preciso, uma vez que formar bons leitores implica também formar bons leitores de imagens. Entretanto, encaminhar a leitura dessas

obras implica também ser capaz de atribuir sentido aos signos visuais e aos seus detalhes, reconhecendo que contribuem para contar a história.

Rica em possibilidades expressivas, a narrativa visual "Noite de cão" é um claro exemplo de obra que pode ser usada para favorecer a formação leitora dos pequenos, uma vez que suas ilustrações e a forma como estão ordenadas possibilitam a construção do texto verbal e a realização de inferências, antecipações e conclusões pelo leitor, aspectos fundamentais à competência em leitura. Portanto, valorizar narrativas assim para formar bons leitores de imagens e, em consequência, bons leitores do mundo, é necessidade premente.

Referências:

ALENCAR, Jakson de. As ilustrações na literatura infantil: da alma das imagens à alma dos leitores. In: GÓES, Lúcia P.; ALENCAR, Jakson de (Org.). **A alma da imagem: a ilustração nos livros para crianças e jovens na palavra de seus criadores.** São Paulo: Paulus, 2009. p. 26-34.

BAJARD, Élie. **Da escuta de textos à leitura.** São Paulo: Cortez, 2007. (Coleção Questões da nossa época, v. 133)

COELHO, Nelly Novaes. Livro em crise?: a pedagogia do texto x a pedagogia da imagem. In: AMARILHA, Marly (Org.). **Educação e leitura: trajetórias de sentidos.** João Pessoa: Editora da UFPB - PPGEd/UFRN, 2003. p. 317-324.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2004. (Coleção Como usar na sala de aula)

FONSECA, Lêda M. da. Leitura de imagens e a formação de leitores. In: GÓES, Lúcia P.; ALENCAR, Jakson de (Org.). **A alma da imagem: a ilustração nos livros para crianças e jovens na palavra de seus criadores.** São Paulo: Paulus, 2009. p. 95-106.

LIMA, Graça. Lendo imagens. In: Instituto C&A; Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. **Nos caminhos da literatura.** São Paulo: Peirópolis, 2008. p. 36-43.

OLIVEIRA, Rui de. A arte de contar histórias por imagens. Belo Horizonte. **Presença Pedagógica**, v. 4, n. 19, jan./fev. 1998. p. 63-74.

RAMOS, Graça. **A imagem nos livros infantis: caminhos para ler o texto visual.** Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

WERNECK, Regina Y. M. Leitura de imagens. Belo Horizonte. **Presença Pedagógica**, v. 4, n. 19, jan./fev. 1998. p. 102-106.